

A sugestão de um artigo sobre rega trouxe-me a lembrança de minha primeira incursão — desastrosa — ao mundo das orquídeas. Posso somente atribuir ao destino o fato de ter sido esta primeira planta uma espécie brasileira, no caso uma *Encyclia fragrans*.

De posse de uma tal preciosidade, mas destituído de qualquer noção do que com ela fazer, o meu primeiro pensamento foi o de tentar recriar o ambiente da “selva brasileira”, para que pudesse, assim, cultivá-la. Como qualquer garoto de onze anos, os filmes de aventura me fascinavam e as lembranças do último que assistia trazia-me à mente imagens de uma selva cerrada onde chovia quase que ininterruptamente. Não é preciso fantasiar muito para se lembrar dos filmes tipo “Tarzan” com cenários de matas impenetráveis, tendo uma fera atrás de cada tronco e com flores eternamente cobertas por uma fina camada de orvalho. Bela cena de filme mas com resultados, previsíveis, para quem fosse tentar recriá-la. Impulsionado por esta fantasia comprei um vaso bem grande, um saco de terra das mais escuras e ricas em húmus e coloquei a planta num canto onde a luz do Sol não poderia queimar suas delicadas folhas. Depois da primeira encharcada, a orquídea foi regada com a frequência com que um bebê recém-nascido é amamentado por uma mãe super protetora. Suas folhas nunca deixaram de ter uma cobertura de gotículas de água.

Imaginem meu desespero quando, depois de uma semana de tanto carinho, as folhas começaram a amarelecer, passando para o marrom até ficarem reduzidas a

uma massa podre. Eu fizera tudo do jeito certo! Será que os filmes mentiam?! Não querendo me dar por vencido, consegui outra planta. Dessa vez no entanto armei-me com um livro sobre cultivo, conseguido na biblioteca local. A minha surpresa não poderia ser maior: eu teria que mudar todos os meus conceitos sobre o cultivo dessas fascinantes plantas.

Tenho certeza de que este relato terá provocado um sorriso ao cultivador mais experiente, afinal qual de nós não passou por algo semelhante até acertar a dosagem?

A rega de orquídeas sempre foi um assunto bastante discutido, pois as variáveis são tantas que torna-se impossível estabelecer uma regra absoluta para o seu bom funcionamento. Tenho aprendido, por experiência, que a observação cuidadosa das plantas aliada a uma boa dose de bom senso são as melhores regras para se evitar qualquer “desastre”, fazendo com que a rega torne-se algo simples e não um bicho de sete cabeças.

Um grande problema com o que nos defrontamos é que nenhuma outra planta integra família tão extensa e variada quanto as orquídeas, onde cada tipo diferente requer um tratamento próprio.

A primeira e mais importante regra é a de que as plantas só deveriam ser regadas na medida que fôsse necessário, do mesmo jeito que nós só bebemos quando temos sede. Não adianta, também, querer dar água somente quando isto nos for conveniente, pois deste jeito corremos o risco de secá-las demais ou molhá-las em excesso.

No início, a tendência é achar que a planta está sempre precisando de um pouco mais de água. Cria-se então o hábito de regá-las um pouco a cada dia. Isto não poderia ser mais errado, a superfície do subs-

* Rua Alberto de Campos, 107/302, RJ

trato pode até estar seca, mas dentro do vaso existe ainda bastante umidade que não foi absorvida pelas raízes.

Um indicador simples é o peso do vaso: deixe a planta ficar bastante seca. Ao levantar o vaso você o sentirá leve. Regue-o bem, deixando a água escorrer. Ao levá-lo de novo sentirá que seu peso aumentou sensivelmente. Esta diferença de peso é portanto um excelente indicador. É observando-se o tempo que leva o vaso para secar que se começa a ter uma noção da frequência com que a planta precisa ser molhada. Naturalmente isto só pode ser feito quando a pessoa tem poucas plantas.

Outro indicador bastante simples é enfiar o dedo dentro do substrato perto da borda do vaso, ele pode estar seco na superfície, mas, pode ainda, estar bem úmido no fundo. (Obviamente a superfície vai secar com mais rapidez pois está exposta à luz e ao ar.)

As estações do ano são um fator importante. Toda orquídea tem um ciclo vegetativo que segue basicamente as mudanças das estações. Em quase todos os casos o novo broto inicia-se na primavera e cresce até o final do Verão. Após esta fase a planta desacelera o seu desenvolvimento e entra em fase de descanso durante o Inverno. Na medida que estiver em crescimento ela precisará de mais água, não só para sustentar o desenvolvimento do novo broto mas também para repor a água perdida na transpiração que, em época quente, é acelerada. Com a chegada do Outono, o broto já terá terminado de se desenvolver e não haverá necessidade de rega tão frequente. No Inverno com a planta em repouso e com dias e noites mais frios a absorção de água torna-se mais lenta, ainda, e a planta precisa de menos água. Em alguns casos como, por ex., *Catasetum* e *Dendrobium*, tipo *nobile*, é necessário manter, no Inverno, a planta quase que completamente seca. Por outro lado, plantas que não têm pseudobulbos, por ex *Phalaenopsis* e *Paphiopedilum* precisam ser regadas, se bem que com menos frequência do que no verão.

Seria quase que impossível tratar aqui das necessidades de cada gênero, todavia o cultivo (e rega) de alguns dos gê-

neros mais populares já foi descrito em edições anteriores da revista Orquidário.

O tipo de vaso usado vai influenciar diretamente a frequência com que se rega. No Brasil, o vaso de barro continua sendo o mais usado por cultivadores. Ele tem a vantagem de ser poroso, a água evapora através dele, o que evita até certo ponto o risco de apodrecimento do substrato e das raízes. É necessário prestar bastante atenção aos vasos pequenos pois o substrato tende a secar com bastante rapidez. Um outro tipo de vaso comumente usado é o de xaxim. Tem-se que tomar cuidado com esse vaso em lugares de umidade elevada pois ele retém muita água e a rega deve ser bem controlada; especialmente no Inverno quando o nível de evaporação é baixo. Já observei casos onde o vaso continuava bem úmido durante até duas semanas, o que poderia criar problemas de bactéria e apodrecimento, não fosse a rega bem controlada. Vasos de plástico estão se tornando cada vez mais populares. São leves, duráveis e fáceis de limpar para fins de novo uso. A rega muda sensivelmente em relação aos vasos de barro: o plástico é impermeável o que impede a evaporação através dele e o substrato permanece então úmido por mais tempo. Rega-se portanto menos em relação a vasos de barro do mesmo tamanho evitando assim o excesso de umidade. Por esses motivos é sempre aconselhável manter juntos vasos do mesmo tamanho e tipo, quando o tipo de orquídea permitir.

Também o substrato usado deverá ser levado em consideração. Quanto mais aberto (e arejado) ele for, mais rápido ele secará. No Brasil o xaxim continua sendo o substrato preferido por ser ainda de fácil acesso e manuseio. O xaxim tende a segurar bastante umidade em sua parte inferior na medida que fica mais velho. Se a planta tiver um sistema radicular saudável e bem desenvolvido não encontrará dificuldades em absorver umidade. Caso contrário a água tenderá a se acumular, causando uma aceleração da ação bacteriana que acabará por degenerar o xaxim até que ele vire uma massa encharcada. Algumas pessoas já estão usando piaçava, pois ela tende a secar mais rapidamente do que o xa-

xim, e as plantas, em geral, precisam ser regadas com mais freqüência.

O tamanho da planta influenciará diretamente a quantidade de água necessária. Uma planta grande com várias frentes precisará de mais água do que uma divisão de três bulbos. Quanto mais folhas a planta tiver, maior será a área de transpiração, umidade que precisa ser repostada. 'Seedlings' pequenos também deveriam ser mantidos juntos pois seus vasos costumam ser bem pequenos e tendem a secar com mais rapidez.

Naturalmente deve-se manter um equilíbrio para evitar dar água em quantidades excessivas ou insuficientes, pois, de um lado, o substrato muito seco terá dificuldade em absorver umidade e a água tenderá a se canalizar dentro do vaso escorrendo assim sem molhar. Por outro lado, o substrato mantido encharcado começará a apodrecer e não somente tenderá a destruir o sistema radicular da planta como criará problemas de bactéria que poderão matar a planta.

É bem conhecida, a anedota do novato que, tendo regado em excesso sua planta, nota que ela desenvolveu uma aparência desidratada. Achando que a planta não estivesse recebendo água suficiente ele torna a lhe dar mais água. Na verdade a planta desenvolveu esta aparência por já ter perdido suas raízes, em função de um substrato provavelmente decomposto, ficando impossibilitada de absorver a água que ela tanto precisava.

Talvez esteja na hora de reexaminar aquelas suas plantas um pouco desidratadas!...

Por último é natural que plantas recém divididas e replantadas precisem de um regime de rega um pouco diferente. Não adianta regar excessivamente pois as raízes tendo sido cortadas não têm o mesmo poder de absorção. Aliás esse excesso poderia até danificar as raízes que se iniciam logo depois do replante. Devo lembrar que cada uma dessas variáveis se relaciona intimamente, cada tipo de substrato reagirá diferentemente em função do tipo de vaso usado, que por sua vez influenciará a freqüência da rega. Um vaso de plástico com substrato de xaxim demorará mais tempo para secar do que um vaso de barro com o mesmo substrato...

Criando-se o hábito de regar segundo um esquema organizado, suas plantas se adaptarão melhor ao seu lugar de cultivo. É perfeitamente compreensível não se estar com vontade de regar a coleção, porque está quente demais, porque temos algo mais a fazer etc., mas devemos lembrar que a cada vez que isto acontece diminuirão as chances de obter aquela bela floração que aguardamos todo ano.

Finalizando, seria desnecessário acrescentar que minha segunda planta sofreu o mesmo destino que a *Encyclia*. Nem os filmes nem os livros podem ser culpados. Isto faz parte do processo de tornarmos-nos orquidófilos. Todavia, quando o garoto de onze anos foi ver seu próximo filme tipo "Tarzan", ele o fez com um toque de ceticismo. O desfecho não poderia ser outro, apesar de árvores, plantas e flores aparentemente 'pingarem' umidade, os heróis sempre continuaram 'secos'.

Nada como a fantasia de um bom filme.

ORQUIDARIO

Livro Tombo n.º

Obra n.º

Bibliotecário